

MUDAR PARA MANTER
PSEUDOMORFOSE DA AGRICULTURA BRASILEIRA

JOSÉ SIDNEI GONÇALVES

SÃO PAULO

1999

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO
CONSELHO SUPERIOR DE PESQUISA AGROPECUÁRIA

GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO
MÁRIO COVAS

SECRETÁRIO DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO
JOÃO CARLOS DE SOUZA MEIRELLES

SECRETÁRIO ADJUNTO
LOURIVAL CARMO MONACO

CHEFE DE GABINETE
VICENTE DE PAULA MARQUES DE OLIVEIRA

GONÇALVES, José Sidnei
Mudar para Manter: Pseudomorfose da
Agricultura Brasileira. São Paulo, CSPA/SAA,
São Paulo, CSPA/SAA, 1999. 373p.

1- Agricultura. 2- Desenvolvimento Econômico
3- Questão Agrária. 4- Questão Agrícola

PREFÁCIO

O conteúdo deste livro é a tese de doutoramento que o autor defendeu no Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (IE/UNICAMP). É o resultado de longa atividade de pesquisa e intensa vivência profissional, submetidas à reflexão acadêmica.

É certo que este esforço de compreensão não está concluído, face a complexidade e amplitude da problemática abordada. Contudo, expressa um momento muito rico deste percurso e seguramente oferece valiosa contribuição ao desvendamento de aspectos cruciais do tema e, por extensão, da própria realidade nacional.

Apresenta uma criteriosa e abrangente reconstituição das principais interpretações da questão agrária brasileira, e das propostas para sua solução, situando-as no debate político e ideológico em torno dos caminhos do desenvolvimento econômico e social.

Entretanto, não se restringe ao âmbito imediato das polêmicas, situando historicamente o problema e apontando as razões decisivas para sua permanência até a atualidade: de um lado, a dominância dos interesses conservadores e patrimonialistas no encaminhamento desta questão e, de outro, as derrotas e debilidades dos defensores da democratização do acesso à terra. Por fim, demonstra circunstanciadamente como este impasse não foi solucionado pela profunda penetração do capitalismo no campo ocorrida nas últimas décadas, que provocou intensa dinamização da agricultura.

Como se observa, o autor enquadra o assunto em sua dimensão maior e, assim, aponta para uma das principais determinações estruturais da crise social brasileira: a íntima relação que existe entre a questão agrária e a

exclusão social, não só rural mas também urbana.

De fato, na própria constituição do mercado de trabalho assalariado no Brasil, o regime da grande propriedade equaciona o problema de forma a assegurar-se a produção e reprodução de um expressivo excedente estrutural de mão de obra, que alimenta a marginalidade social e deprime os salários dos trabalhadores. Com apoio do Estado Oligárquico promove-se um intenso fluxo de migrantes estrangeiros, brancos e pobres, ao mesmo tempo que impede-se o florescimento da pequena propriedade. Adicionalmente, os ex-escravos negros são mantidos à margem do nascente mercado de trabalho capitalista.

Esta situação não se altera com a Revolução de 1930, que põe fim à República Velha e abre caminho para avanços significativos na proteção social dos trabalhadores urbanos, mas não promove a Reforma Agrária. Em suas linhas fundamentais, este anacronismo perdura ao longo do nosso processo de industrialização, mantém-se sob o Regime Militar inaugurado em 1964 e sobrevive após a redemocratização, até os dias atuais.

Entretanto, as manifestações do problema alteram-se substancialmente. A penetração do capitalismo no campo, expulsando grande parte de seus antigos moradores, e o crescimento das cidades, exercendo forte atração sobre os miseráveis rurais, provocam um extraordinário fluxo migratório campo-cidade. Desta forma, a questão agrária revela contemporaneamente um forte componente urbano, que se materializa sobretudo nas favelas, cortiços e periferias sub-humanas das metrópoles e grandes cidades. O qual vai se tornando explosivo com a perda de dinamismo sócio-econômico desde a década dos anos oitenta e com a profunda desestruturação dos anos noventa.

Obviamente, esta situação de autêntica calamidade social é sobredeterminada pelo profundo descaso em relação aos desfavorecidos que constitui a marca fundamental das políticas sociais no Brasil, sobretudo após 1964. Este assunto, porém, é tema para outro livro.

Waldir Quadros
Campinas, fevereiro de 1999

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O SENTIDO INÍQUO DAS TRANSFORMAÇÕES NA REALIDADE BRASILEIRA

.....1

CAPÍTULO I.- TEORIA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E REPETIBILIDADE

HISTÓRICA.....11

1.- Agricultura e agropecuária: desenvolvimento capitalista e diferenciação.....1

2

2. - Inadequação da abordagem tradicional de agricultura.....16

3. - Discussão de abordagens abrangentes da agricultura.....21

4. - Agricultura no desenvolvimento de economias continentais.....28

CAPÍTULO II.- CRÍTICA À IDEOLOGIA DA MODERNIZAÇÃO HOMOGENEIZADORA.....34

1. - Questão Agrária no debate dos anos 60: progressistas versus conservadores.....3

5

1.1 - Alberto Passos Guimarães: latifúndio feudal e dominação.....36

1.2 - Caio Prado Jr.: A Questão Agrária e a revolução brasileira.....38

1.3 - Celso Furtado: Questão Agrária e subdesenvolvimento.....39

1.4 - Ignácio Rangel: Questão Agrária e industrialização.....41

1.5 - Ruy Miller Paiva: dualismo tecnológico e modernização conservadora.....42

1.6 - Núcleo da Questão Agrária nos anos 60: predomínio das forças conservadoras e constituição de uma sociedade excludente43

2.- Questão Agrária no debate recente: problema econômico ou problema social.....4

8

2.1 - Claus Magno Germer: Questão Agrária como questão política e luta de classes.....49

2.2 - Ricardo Abramovay e José Eli da Veiga: agricultura familiar e modernização.....53

2.3 - Francisco Graziano Neto: modernização do latifúndio e os limites do distributivismo agrário.....55

2.4 - Geraldo Muller: complexo agroindustrial e produção "independizada" da

terra.....	58
2.5 - José Graziano da Silva: Questão Agrária numa realidade heterogênea e desigual.....	60
2.6 - Núcleo da Questão Agrária no debate recente: o desafio do rompimento com o aprofundamento das desigualdades.....	63
2.6.1 - Capitalismo e propriedade familiar.....	63
2.6.2 - Desafio da superação da tendência aprofundadora das disparidades.....	66
3. - Crises brasileiras recentes: transformações e perenidade da Questão Agrária.....	7
3	

CAPÍTULO III - CONSERVADORISMO E DEFESA DO PATRIMÔNIO: lógica da não solução da Questão Agrária.....	82
1.- Questão Agrária como questão política : a força e perenidade histórica do poder dos conservadores.....	84
1.1 - Independência brasileira e consolidação do poder oligárquico.....	85
1.2 - Proclamação da República e a força da oligarquia rural.....	88
1.3 - Revolução de 30 e manutenção do poder ruralista.....	90
1.4 - Movimento de 64 e modernização do latifúndio.....	98
2. - Sistema tributário e patrimonialismo: tributo à classe dominante.....	108
2.1 - Estrutura tributária e desenvolvimento no Brasil.....	109
2.2 - Agricultura e estrutura tributária no Brasil: características gerais e reflexos.....	117
3.- Expansão territorial da agricultura e preço da terra: especulação financeira e "valorização" do patrimônio.....	126
3.1 - Ocupação das fronteiras agrícolas e especulação com terras no Brasil.....	127
3.2 - "Valorização" do patrimônio e preço da terra: especulação com terras como "barreira à entrada" de novos agricultores.....	130
4. - Políticas agrícolas com alta concentração de beneficiários e o acirramento da Questão Agrária.....	138
4.1 - Mudando de endereço para igual destinatário: as políticas brasileiras do café.....	139
4.1.1 - Do mar de café ao mar de cana: apogeu e crise do café de Ribeirão Preto.....	140
4.1.2 - Café queimado: nova cafeicultura do Paraná dos fornos do Getúlio às geadas de 70.....	146
4.1.3 - Minas de café: a nova cafeicultura surgida no processo de deslocamento recente.....	153

4.2 - Do senhor de engenho ao usineiro: políticas canavieiras e a grande propriedade.....	159
4.2.1 - Planejamento e avanço paulista pós-30: o fracasso da proteção à oligarquia nordestina.....	162
4.2.2 - Agroindústria canavieira pós-70; o álcool combustível na nova expansão da cana.....	169
4.3 - Crédito do privilégio: as culturas e os tomadores dos subsídios na modernização agropecuária pós 1964.....	175
4.3.1 - Crédito ao consumidor: dinheiro barato vinculado à compra de insumos.....	176
4.3.2 - Crédito a mercado: distribuição desigual entre regiões, culturas e tomadores.....	188
4.3.3 - Aliando renúncias fiscais e subsídio ao crédito: os novos donatários dos megaprojetos de incentivos fiscais.....	204

CAPITULO IV - DUAS FACES DA MESMA MOEDA: a abundância das supersafras e o flagelo da fome na agricultura brasileira..... 210

1 - Duas teses vencidas na Questão Agrícola: produção insuficiente e preços escorchantes.....212

1.1 - Questão da incapacidade de produção: a polêmica da inelasticidade e a dicotomia entre grupos de produtos.....	212
1.2 - Questão dos preços da agricultura e o custo de vida urbano: maior oferta a preços menores.....	219
1.3 - Transformações da estrutura produtiva: modernização e incremento da produção.....	226
1.3.1 - Produção e uso de bens de capital e insumos industriais.....	227
1.3.2 - Comportamento estrutural da oferta dos principais produtos agropecuários.....	240
1.3.3 - Agroprocessamento e distribuição: grande empresa e incremento no valor agregado ao produto.....	257
1.3.4 - Alteração da inserção no comércio exterior: de primário-exportador a agroindustrial-exportador.....	269
1.4 - Agricultura e custo de vida: crescimento da renda e os preços relativos.....	279
1.4.1 - Preços agropecuários na fazenda: relação entre custos e preços recebidos.....	282
1.4.2 - Preços agropecuários no consumo final: menores gastos com alimentação e vestuário e o poder de compra dos salários.....	288
2.- Dois problemas persistentes da Questão Agrária: concentração de renda e alargamento das	

disparidades.....	294
2.1 - Médias pouco representativas: regiões e atividades como um mosaico de disparidades.....	296
2.2 - Concentração da terra, concentração de renda e a realidade de pobreza na agricultura brasileira.....	307
2.3 - Modernização da agropecuária e exclusão social: menos emprego e alterações na sazonalidade.....	316
2.4 - Destino insólito nas cidades: êxodo rural e não incorporação de grande parcela da mão-de-obra migrante.....	332
À GUIA DE CONCLUSÕES: INIQUIDADE COMO PRESSUPOSTO E NÃO COMO RESULTADO.....	34
2	
LITERATURA	
CITADA.....	347

APRESENTAÇÃO

Durante muitos anos na minha vida a realização deste trabalho consistiu-se num meta, num ponto de chegada. Era aquilo que podia visualizar no horizonte, e essa convicção se reafirmava na medida em que caminhava, porque o horizonte parecia fugir ao meu alcance dadas as dificuldades enfrentadas na trajetória. Me ensinaram desde cedo que a linha do horizonte era imaginária e que quanto mais eu andasse mais longe de atingi-lo eu ficaria. Mas ainda assim, a realização do doutoramento e da correspondente tese era o único horizonte que conseguia enxergar por toda minha vida. Fui ensinado a vê-la desse modo, era questão de sobrevivência. Pois bem, este texto que agora converte-se em livro corresponde à tese que se erguia como limite no horizonte que, ao contrário do ensinamento recebido, não elevou-se o suficiente para fugir às garras de minha perseverança. Entretanto, hoje reconheço que me enganei, a tese não passava de um pequeno morro de encostas íngremes que, ao subi-las, me fazia sentir a sensação de que seu cume confundia-se com o horizonte. Com as chagas desse caminhar atingi ao cume mas não alcancei o horizonte. Ele conseguiu subir para muito acima do morro que escalei. Mas a escalada não foi em vão pois, do outro lado do morro há uma vasta planície a ser cruzada rumo a outros morros ainda mais altos, cujos cumes também se confundem com o horizonte distante. A construção de uma sociedade mais justa e solidária ergue-se como um Aconcágua nessa cordilheira de desafios. Mas, se a tese não me logrou atingir esse cume, permitiu-me visualizar um pouco das dificuldades dos paredões rochosos a escalar e a brisa mortífera que congela seus desfiladeiros. Entretanto, é preciso persistir na trilha de ir até lá.

Como cheguei até o cume deste agora pequeno morro? Parcela

importante dessa difícil caminhada só foi suportável graças ao efeito ético do sonho que me amorteceu as dores e as agruras. Fiquei muito feliz quando alguém definiu este texto como fruto de um devaneio da ética manuelina, em menção às elucubrações sempre inteligentes de um estimado mestre. Mal sabia esse interlocutor que a sobriedade pode esconder um estado de embriagues muito mais grave, representado pelo formalismo acadêmico que nos coloca tão perto da fama mas tão longe da verdade. Além do mais, este livro, como todo produto social, encerra o que de melhor foi possível captar de todos, mas que certamente encerra também os erros decorrentes das deficiências do autor. A lista de agradecimentos teve de ser suprimida porque se estenderia por uma longo rol de citações numa ordem que certamente estaria eivada de injustiças e esquecimentos. Peço licença a essas muitas pessoas que me auxiliaram nessa minha escalada para destacar a figura impar, de amigo e intelectual, representada pelo orientador da tese o Professor Waldir Quadros, que felizmente foi quem proferiu a primeira e a última palavra no curso de meu doutorado em economia. E sempre foram palavras sabias e fraternas. Além dele, destaco o amigo fraterno, Professor José Jorge Gebara, celestialmente terno em me estimular a perseguir meus objetivos, mesmo quando a amargura o assolava na vida pessoal. A editoração do texto final e a revisão de vernáculo foi realizada pelo amigo José Carlos Salvagni, de alma eclesástica e dotado de fraternidade divina, buscando a remissão dos erros e correção das omissões. Infelizmente nem todas as apontadas foram corrigidas com precisão.

Agradecer à minha família, seria incorrer numa redundância, pois ela também participou (e com!) da realização deste trabalho. Peço perdão aos demais amigos por não mencioná-los desta vez, mas saibam estar inscritos na lista de minha mais alta consideração. O que posso prometer-lhes, é que a altura do Aconcágua antes referido não me assusta. É preferível o soterrar de uma avalanche de gelo, ao se tentar escalada, que o contentar-se com sua majestosa beleza ao namora-lo de longe. Então, seguirei o caminho da conquista de seu cume e, para atingi-lo, a embriagues necessária exige doses éticas cavалares, pois os sóbrios recuam já no sopé. Podem até enxergarem melhor a montanha, mas confundem-na com um horizonte majestoso, muito menor que a mais fértil imaginação possa imaginar. Nunca sentiram o frio das geleiras que escondem precipícios nas largas encostas a caminhar. Ou seja, para encontrar o caminho rumo ao cume não basta visualizar a montanha, é preciso enfrentar as agruras da escalada, o que não se ensina, se vive.

JOSÉ SIDNEI GONÇALVES

São Paulo, fevereiro de 1999.